MODERNOS & CONTEMPORÂNEOS

Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas, v. 9, n. 22., jul./dez., 2025.

Um acontecimento amoroso: o (não) saber da transferência e o motor de um pensamento[1]

A Love event: the (non-)knowing of transference and the driving force of thought

Guilherme Arthur Possagnoli Freitas[2]
Erika Parlato-Oliveira[3]

Resumo: Este trabalho discute o alcance do advento histórico da psicanálise lacaniana, abordada a partir do reordenamento das tramas de saberes decorrentes da conceitualização do inconsciente e da transferência. Tal ponto de inflexão possibilita situar a psicanálise tanto como intervenção no campo da ciência quanto como subversão discursiva no campo do amor. Para isso, recorremos às contribuições de Alain Badiou, que reconhece o acontecimento lacaniano como decisivo no horizonte filosófico, sustentado materialmente pela instauração de um novo procedimento de verdade a respeito do amor. Se, em um primeiro momento, a formulação freudiana da transferência tornou possível a constituição de uma trama conceitual destinada às relações afetivas entre médico e paciente – trama que, entretanto, rapidamente ultrapassou seu contexto de origem ao oferecer uma gramática capaz de pensar os determinantes do amor em outras relações –, os avanços lacanianos, ancorados na crítica à noção de intersubjetividade, no papel da identificação e na interposição da linguagem na constituição do sujeito, instauram as condições para uma crítica à concepção fusional do amor: trata-se de pensá-lo a partir do Dois, e não mais do Um. Desse modo, o ordenamento específico do campo transferencial fornece a base para a formalização do discurso analítico, caracterizado, por sua vez, por um alinhamento formal com uma concepção de ciência e, igualmente, como avesso do discurso do mestre – e, por consequência, também do discurso filosófico. Assim, é possível definir a psicanálise lacaniana como um acontecimento duplo na história do pensamento: por um lado, um acontecimento amoroso; por outro, um acontecimento arqui-científico.

1 Este trabalho contou com o apoio à pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (processos nº 2023/00679-5 e 2024/18761-2).

2 Mestrando em filosofia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Email: guiarthur@hotmail.com.

3 Professora da pós-graduação em Estudos Psicanalíticos da Université Paris Cité. Membro do Centre de Recherche Psychanalyse, Médecine et Societé (CRPMS), Diretora do Babylab Cerep-Phymentin. Vice-presidente da World Association of Infant Mental Health (Waimh-France). Diretora Científica do Instituto Langage. Email: eparlato@hotmail.com

Palavras-chaves: Jacques Lacan; Alain Badiou; Transferência; Amor; Filosofia.

Abstract: This paper discusses the scope of the historical advent of Lacanian psychoanalysis, approached through the reordering of networks of knowledge resulting from the conceptualization of the unconscious and of transference. This point of inflection makes it possible to situate psychoanalysis both as an intervention within the field of science and as a discursive subversion within the field of love. To this end, we draw on the contributions of Alain Badiou, who recognizes the Lacanian event as decisive within the philosophical horizon, materially sustained by the establishment of a new truth procedure concerning love. While, at first, the Freudian formulation of transference made possible the constitution of a conceptual framework devoted to the affective relations between physician and patient—a framework that nevertheless quickly exceeded its original context by offering a grammar capable of thinking the determinants of love in other relationships—the Lacanian advances, grounded in the critique of the notion of intersubjectivity, in the role of identification, and in the interposition of language in the constitution of the subject, establish the conditions for a critique of the fusional conception of love: love must be thought from the perspective of the Two, no longer of the One. In this way, the specific ordering of the transferential field provides the basis for the formalization of the analytic discourse, which is in turn characterized by a formal alignment with a conception of science and, equally, as the reverse of the master's discourse—and, consequently, also of philosophical discourse. Thus, Lacanian psychoanalysis can be defined as a double event in the history of thought: on the one hand, a love event; on the other, an archi-scientific event.

Keywords: Jacques Lacan; Alain Badiou; Transference; Love; Philosophy.

Considerações iniciais

O intuito desse texto é abordar a transferência, enquanto conceito fundamental da práxis analítica, a partir do entrelaçamento entre o amor e o saber. A transferência diz respeito às particularidades da relação estabelecida entre analista – analisante, ou mais classicamente, médico – paciente. A importância qualitativa do vínculo entre médico e paciente no tratamento dos fenômenos neuróticos chamou a atenção antes da emergência da psicanálise. Ponto de encontro, por exemplo, entre as discussões em torno da sugestão e hipnose empreendidas pela Escola de Nancy, Jean Charcot, e as elaborações de Franz Mesmer.[4]

A importância de tal relação, para Freud, ultrapassa um posicionamento técnico, tendo sido marcada diretamente no início de sua trajetória profissional. É no íntimo da cena privada de trocas profissionais com seu amigo Joseph Breuer que emergem as confidências em torno do icônico caso de Anna O., situação que leva Lacan à pertinente proposição de que na fundação do "paraíso" psicanalítico – *no começo era o amor*. O acontecimento amoroso, responsável pela interrupção do tratamento por parte de Breuer e omissão de sua menção nos resultados publicados,

4 Para mais detalhes, conferir: Roudinesco, 1982/2023, p. 65-78; Didi-Huberman, 1982/2015, p. 85-99; e Aguiar, 2016.

é visto por Freud como a força motriz para melhor compreensão dos fatores envolvidos na dinâmica da cura dos pacientes neuróticos.

Verificada a importância da relação entre analista e analisante e a proximidade do que se nomeou transferência com os fenômenos amorosos, Freud pôde fixar teoricamente a constatação do amor de transferência como pedra angular do tratamento analítico. Nesse horizonte, Freud legou tanto contribuições sobre as relações amorosas quanto sobre a especificidade do amor transferencial. A construção conceitual da transferência permitiu a constituição de categorias operativas com alcance que ultrapassam as relações do tratamento analítico, revolucionando não apenas o campo médico, mas fornecendo uma nova gramática para relações institucionais, políticas, pedagógicas, familiares e românticas. A transferência ilumina um encontro permeado por jogos de poderes e afetos, que aloja-se na dissimetria fundamental do amor analítico, mas como iguais impactos sobre o amor fora do *setting* analítico.

Para melhor compreender esses avanços, no campo da transferência a metáfora oferecida para nós é o xadrez. Freud esforçou-se para delimitar regras e princípios que pudessem operacionalizar o jogo, e, estabelecida as regras, propôs reflexões sobre o estudo do jogo especialmente nas aberturas e finais de jogos, momentos em que a multiplicidade de combinações características do meio-jogo são reduzidas à dinâmicas mais restritas e específicas. Assim, a entrada e o fim de análise são os momentos mais facilmente calculáveis para o estudo dos analistas.

Já sobre o amor, a metáfora diz respeito ao cristal estilhaçado após um choque, sua fragmentação não acontece aleatoriamente, mas sim, a partir de lugares pré-estabelecidos – revelando os pontos em que a ligação do material era mais frágil. Dessa forma, estudando os fragmentos, podemos recompor a estrutura anterior que sustentava a unidade do cristal. Ou seja, são os dados clínicos, as patologias e suas relações com os laços amorosos sustentados pelos sujeitos que revelaram os traços fundamentais para Freud articular as bases de seus avanços sobre o amor.

Assim, Freud não se preocupou em fornecer uma teoria completa e unificada sobre o amor, mas debruçou-se sobre dinâmicas específicas recolhidas em sua prática clínica, como é patente em suas *Contribuições à Psicologia do Amor* (1996a/1918; 1996b/1912; 1996c/1910). O ponto essencial que nos interessa é a consolidação do entrelaçamento estrutural entre o amor e o narcisismo. Igualmente, os fenômenos de massa e suas identificações amorosas, as perversões, bem como a melancolia apoiaram conceitualmente a acomodação do narcisismo como fundamento das manifestações amorosas. Dentro dessa redução dos fenômenos amorosos ao narcisismo Lacan (1960-1/2010) procura elaborar outro fundamento amoroso, um que seja mais compatível com a prática analítica.

Do espaço de trabalho inaugurado por Freud, a proclamação do *retorno a Freud* adotado por Lacan serviu como denúncia à domesticação do inconsciente

freudiano. O discurso do inconsciente sucumbiu ao discurso do Eu, Lacan denunciou os abusos teóricos e de poder que tal substituição operou, revelando o abandono do discurso analítico pela constituição do discurso do Eu, o que ele denominou de *Eucracia*.[5] Em síntese, a Associação Psicanalítica Internacional fundada por Freud sucumbiu aos efeitos identificatórios narcísicos, indo na contramão da descoberta freudiana, sendo possível notar "o que custou o fato de Freud haver permitido que o grupo psicanalítico prevalecesse sobre o discurso, tornando-se Igreja [...] A estabilidade da religião provém de o sentido ser sempre religioso" (Lacan, 1980/2003c, p. 320). A vitória do sentido e da estabilidade teórica almejando a defesa da religião psicanalítica levou ao encobrimento do discurso do inconsciente, o que, é claro, gerou efeitos na prática analítica, logo na transferência.

Badiou caracteriza o cerne dos desenvolvimentos teóricos no ensino lacaniano como "a crítica do sentido em benefício de um saber do real" (Badiou, 1994-5/2018, p. 64). Em resumo, a possibilidade de sentido é articulada à teoria do signo linguístico, bem como à preponderância do significante sobre o significado, constituindo assim, o ponto de partida de estruturação do simbólico, que permitiu a constituição de um movimento mais amplo em torno da crítica ao sentido. Lacan, a partir da inscrição do simbólico, avança sobre a conceitualização da letra, enquanto traço suporte da cadeia significante, e permite a entrada nas formalizações matemáticas – os matemas lacanianos – e seus efeitos de saber. Esse segundo movimento é de fundamental importância para compreender a estruturação do real, enquanto impasse que permite a articulação de um saber sobre ele.

É neste contexto que pretendemos avançar nas consequências das contribuições propostas pela psicanálise lacaniana sobre a transferência e o amor, que passa pela reinscrição da íntima relação entre o *saber*, *amor*, *sentido* e *transferência*. A partir dessa rede conceitual torna-se possível a compreensão do alcance do "acontecimento lacaniano", tanto para o amor, quanto para uma certa abordagem científica.[6]

Acontecimento lacaniano

Para avançar, iniciemos com o que o amor analítico revelou estruturalmente sobre seus próprios fundamentos e determinantes. A crítica lacaniana ao movimento psicanalítico – à vitória do sentido sobre o discurso analítico – impacta diretamente sobre a transferência; recorrendo novamente a metáfora do jogo de xadrez seria possível apresentar três dimensões dessa crítica. A primeira diz respeito às regras do

5 Diz respeito à configuração discursiva pautada pela dominação do Eu. Um discurso que rechaça a cisão do sujeito e que se pauta em sua completude imaginária, discurso que serve ao mestre para exercer dominação. Para mais detalhes conferir lição de 10 de fevereiro de 1970.

6 Milner (1995) ao justificar a necessidade de um doutrinal de ciência que justifique o campo psicanalítico destaca a influência do "Koyré kojèveano" e do "galileísmo ampliado" ligado ao primeiro classicismo lacaniano que impera nos anos 60. Enquanto a partir dos anos 70 ele exalta a configuração do segundo classicismo lacaniano, ligado a emergência do matema, em que um "hiperboubarkismo" é responsável pela estruturação das balizas do discurso científico e a constituição da antifilosofia lacaniana.

jogo, o jogo amoroso é jogado entre três jogadores, um sujeito barrado, um objeto e o Outro, aqui Lacan (1960-1/2010) critica a *intersubjetividade* na cena analítica; a segunda dimensão visa esclarecer o começo de jogo, aqui o *saber* é eleito como condição inicial da entrada e manutenção do início de jogo; e por fim, o fim de jogo, em que Lacan questiona as abordagens terapêuticas que propõem a *identificação à figura do analista* como saída da trama amorosa transferencial, ou seja, o fim de análise – problema caro à psicanálise, presente, por exemplo, nas elaborações tardias freudianas sobre as análises termináveis e intermináveis.

Lacan (1969-70/1992), em sua teoria dos quatro discursos, formalizou qual é a estrutura que opera quando o sujeito liga-se ao outro a partir da transferência, foi assim que ele constituiu o *discurso do analista*. Ou seja, o discurso revela a topologia própria da transferência. De saída é possível notar a presença dos três que se fazem necessários ao amor, o sujeito ($), o objeto, (*a*) e o Outro, (S1 e S2). A partir da distribuição em quatro posições, o *a* (objeto causa do desejo), $ (sujeito barrado), S1 (significante-mestre) e S2 (significante do saber), fornecem o seguinte esquema:

$$\frac{a}{S2} \rightarrow \frac{\$}{S1}$$

Figura 1: Discurso do analista Em: Lacan, Seminário XVII, p. 27.

Os discursos são organizados a partir dos seus elementos, mas também pela especificidade de cada uma das quatro posições. Na parte superior à esquerda o *agente* e à direita o *outro*. O agente é quem comanda o discurso, que não é necessariamente quem age, mas a quem se faz agir (Lacan, 1969-70/1992, p. 179), o outro é o parceiro desse agente. Nas posições inferiores encontramos à esquerda a *verdade* e à direita a *produção*; a verdade é a posição que permanece encoberta e velada em cada discurso, no caso do discurso do analista é o saber, e a produção é o produto do discurso, que, nesse caso, é a constituição de um significante-mestre.

Estruturalmente, a primeira linha revela os participantes do jogo amoroso e funciona como o eixo analítico que condiciona o avanço perante a possibilidade desse objeto *a* funcionar como suporte para o estabelecimento das relações narcísicas por parte do sujeito. Esse será o nosso encaminhamento a partir de agora. Mais adiante, contudo, notaremos como é na especificidade dos termos da segunda linha, ou seja, o saber e o significante-mestre, que torna-se mais patente a especificidade do amor analítico e a distância que o separa do amor narcísico.

Retomando a primeira linha do discurso analítico, a formalização lacaniana, além de destacar os três jogadores da transferência, aponta para o analista, enquanto

agente do discurso, na posição de objeto e não de sujeito, o que demarca um primeiro obstáculo a qualquer abordagem que proponha a identificação do sujeito com o analista como horizonte terapêutico. Esse peculiar agente que encontra o outro, o analisante, situado à sua direita, o sujeito barrado, barrado pela castração que opera na entrada do sujeito no campo da língua.[7]

O deslocamento efetuado no campo do amor, passa pelo gesto lacaniano de abandono de abordagens fenomênicas sobre a intersubjetividade para a ênfase à uma relação lógica entre um objeto e seu impacto em um sujeito castrado, marcado por esse terceiro – a linguagem – que o habita e o assombra. Assim, a transferência permite o enquadramento da assimetria fundamental presente no amor analítico, em uma relação marcada pelo entrelaçamento do agente e do outro com a dimensão da língua.

Uma outra consequência do objeto *a* na posição do agente, para além do obstáculo feito a identificação do sujeito com o analista, diz respeito a curiosa possibilidade de um objeto comandar um sujeito. Intuitivamente a relação do sujeito com o objeto do seu desejo é pensado no sentido inverso, isto é, o sujeito portador de um desejo procura um objeto que o satisfaça. A psicanálise lacaniana aponta para a anterioridade lógica do objeto que funciona, na verdade, como *causa do desejo.* Trilha aberta por Freud em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* ao definir o encontro com o objeto como um reencontro com um objeto mítico primeiro de satisfação.

A relação do desejo com seu objeto estrutura-se na dependência da língua. Neste contexto, é necessário diferenciar o desejo, a demanda e a necessidade. A necessidade diz respeito ao campo mítico anterior à entrada do sujeito na língua, a total compatibilidade entre uma necessidade e a possibilidade de um objeto de sua satisfação. A demanda diz respeito à necessidade marcada pela língua, que possibilita ao sujeito nomeá-la, e o desejo vai constituir-se enquanto falta, resto, excesso, que marca a necessidade e os traços linguísticos deixados pela castração constitutiva do ser falante. O objeto do amor comporta, portanto, um aquém e um além.

A demanda constitui-se como a operação imediatamente disponível ao sujeito falante e é a partir dela que é possível avançar na compreensão da transferência. A demanda, em seu atravessamento pela língua, não se refere apenas a um objeto capaz de satisfazê-la, mas à possibilidade de apelo ao Outro, detentor da capacidade de responder ao pedido enquanto presença. Assim, quando o sujeito endereça suas

7 É preciso fazer aqui uma pequena observação sobre o uso dos conceitos de língua e linguagem que aparecem neste texto. Apesar da tradição psicanalítica utilizar o conceito de linguagem quando se refere à produção da fala por meio de significantes linguísticos, o que revela uma imprecisão conceitual importante, neste texto estes dois conceitos estão em seus lugares precisos, ou seja, a língua quando se refere ao processo de uso dos significantes linguísticos e a linguagem para todas as referências que descrevem processos complexos e mais amplos que envolvem o sujeito em todas as suas formas de expressão.

demandas, o que está em jogo não é o suposto objeto que satisfaça a demanda, já que o "discurso do analisando é justamente isto, *peço-te que me recuses o que te ofereço, porque não é isso*? É essa a demanda fundamental [...] a demanda que ele satisfaz é o reconhecimento deste dado fundamental: que o que se demanda *não é isso*" (Lacan, 1971-2/2011, p. 90). O não é isso, nos revela que a demanda comporta uma tapeação que cabe ao analista frustrar, em última instância o pedido é pela própria recusa.

Lacan revela que o que está em jogo nesse pedido pela presença/ausência da resposta do Outro é da ordem da prova de amor (Lacan, 1958/1988b, p. 698). A demanda, portanto, configura-se sempre como demanda de amor. Essa resposta a um pedido amoroso, por parte do analista, comporta dois encaminhamentos, conforme nos revela o esquema do *oito interior:*

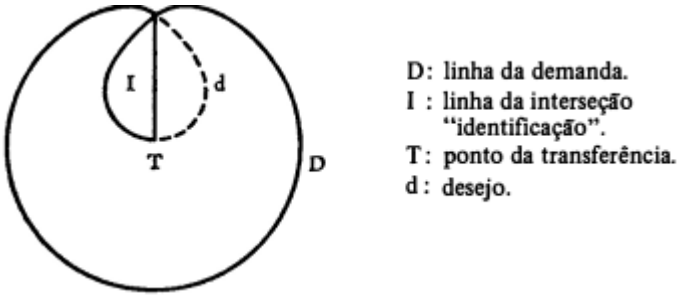

Figura 2: Oito Interior. Em: Lacan, *Seminário XI*, p. 263.

Na insistência da demanda, *D*, em lidar com a especificidade do objeto amoroso – objeto que, por sua natureza, a demanda não pode senão contornar –, em dado momento de sua repetição ocorre a interseção com a posição transferencial, *T*, abrindo-se, assim, a possibilidade de um novo encaminhamento para o amor. Em *T* a bifurcação permite o prosseguimento da demanda à linha *I* da identificação ou sua passagem ao traçado fragmentado do desejo – *d*.

É nesse momento que o analista não deve ceder de sua posição de objeto *a*, objeto causa do desejo. Ele deve recusar a via da intersecção identificatória, intersecção que impede a entrada no campo do desejo. Revela-se assim a importância do analista no manejo da transferência e o porquê da resistência à entrada no discurso analítico ser colocada na conta do analista e não do paciente. Desloca-se os princípios de poder do jogo analítico, denunciando o papel do analista enquanto aquele que resiste à posição precária, de objeto, em que ele deve advir para permitir os encaminhamentos de uma clínica lacaniana.

Entre a identificação e o desejo

O *oito interior* revela a tensão entre a identificação e o desejo no seio do amor analítico. Esses dois encaminhamentos que nutrem relações específicas com

a língua revelam a necessidade do analista manter a maior distância possível entre esses dois campos (Lacan, 1960-1/2010, p. 479-482). Ou seja, não possibilitar o encaminhamento para as vias de identificação do sujeito. Revela-se agora a necessidade de compreender a razão de tal opção. Se o campo do desejo se assenta na especificidade desse objeto causa e de sua relação avessa com a língua – resto inesgotável –; o campo da identificação remete a um suporte bem definido no campo da língua. O esquema óptico formaliza as relações que permitem esclarecer a estrutura lógica presente na identificação:

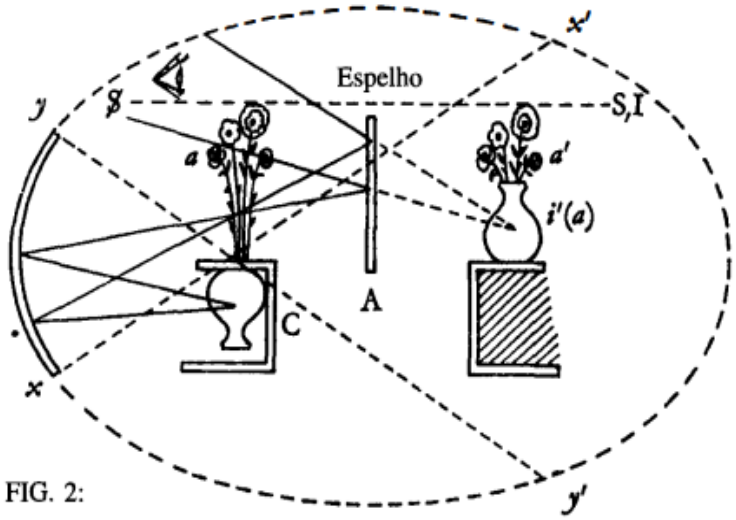

Figura 3: Esquema óptico. Em: Lacan, *Escritos*, p. 681.

O jogo reflexivo no esquema óptico permite a visualização clara da diferenciação entre o *a* e o *i'(a)*, respectivamente o objeto real fragmentado e o objeto unificado e imaginário. A presença do espelho plano A no meio da figura evidencia a dimensão linguageira envolvida nesse processo. No lado esquerdo encontra-se o objeto *a* fragmentado, com as flores desalinhadas do vaso, enquanto do lado direito, graças a reflexão de A é possível ver a unificação do objeto. A ilusão unitária do objeto imaginário – narcísico, por excelência –, além de revelar a estrutura envolvida no estádio do espelho, em que nos identificamos como um corpo unitário marcado pela linguagem, também revela a constituição do *Eu ideal*, que é de suma importância para compreender a linha da identificação presente no oito interior.

O Eu ideal, i(a), é o produto que permite ao sujeito sustentar a miragem que sustentam as apreensões narcísicas sobre si. Essa operação é estreitamente relacionada à busca pela recuperação de um ganho narcísico perdido na infância. Trata-se da constituição do narcisismo primário e sua tentativa de recuperação, o narcisismo secundário (Freud, 1914/2010). A configuração dessa imagem depende, como estrutura o esquema óptico, de um suporte simbólico em A, e é essa dimensão simbólica da idealização que é representada por I, *Ideal do Eu*.

A proximidade entre o campo da identificação imaginária e da idealização revela a estrutura lógica subjacente à via identificatória, que se separa do campo do desejo. Assim, sendo, a via da identificação depende da alocação do analista na posição de Ideal do Eu, para que assim, a partir do suporte oferecido pelo analista, o analisante possa estabelecer-se como Eu Ideal, recorrendo a uma restituição narcísica que o impede de avançar ao fragmentado campo do desejo. Cabe ao analista ter a clareza de distinguir o domínio dos ideais relacionados ao I e o domínio do desejo, *a*.

Lacan recorre a um feliz acaso clínico, uma demanda de análise, para revelar o que está em jogo na idealização, e a dependência que ela comporta da presença do Outro, enquanto resposta para uma demanda de amor:

> Não faz muito tempo uma menininha me diz gentilmente que já era hora de alguém se ocupar dela para que ela parecesse amável a si mesma. Ela fazia, assim, a confissão inocente da mola que entra em jogo no primeiro tempo da transferência. O sujeito tem uma relação a seu analista cujo centro está no nível desse significante privilegiado que se chama ideal do eu, na medida em que, dali, ele se sentirá tão satisfatório quanto amado (Lacan, 1964/1998, p. 249).

Se um determinado nível de idealização é permitido, senão a condição mesma da entrada do sujeito em análise, a fixação a essa configuração fortalece à repetição incessante das demandas e impede o avanço da análise. Restringe-se a um ciclo narcísico, de pedidos e respostas. Por isso, "quer se pretenda frustradora ou gratificante, toda resposta à demanda na análise conduz a transferência à sugestão" (Lacan. 1958/1988, p. 641). A transferência pressupõe a fuga às apreensões narcísicas e a possibilidade do analista colocar-se não como ligado aos ideais, mas sim enquanto um objeto que causa o desejo. O complemento narcísico advindo do analista pode reforçar o Eu do sujeito, considerado por Lacan um sintoma. Esse reforço ao sintoma e sua consequente recompensa narcísica pode ajudar o sujeito no curto prazo na tarefa de suportar as consequências das satisfações substitutivas disponíveis a um sujeito castrado, mas não permite sua passagem ao discurso analítico.

Até aqui a distância entre o *a* e o *i(a)* permitiu o esclarecimento do mecanismo que envolve a constituição do objeto narcísico, marcado pelo regime dos ideais. A análise sobre a especificidade do saber, S2, na posição da verdade oculta no discurso psicanalítico, permitirá compreender o que está em jogo na transferência. Um saber que não tem por efeito a proliferação do saber, mas a produção de um significante-mestre, S1. O saber, enquanto verdade velada, é o motor oculto que permite a entrada em análise, já que a transferência é "amor que se dirige ao saber", ou seja, a transferência constitui-se na subordinação da existência de um sujeito suposto saber, na pressuposição da presença de um sujeito no saber inconsciente (Lacan, 1973/2003b, p. 555).

O saber ligado ao analista, se pode na entrada de análise estar ligado ao campo dos ideais, não é ali que ele se sustenta. Vale lembrar que para além das

recompensas narcísicas, o ideal do Eu é responsável desde Freud pelo princípio de realidade, atingindo seu modelo mais exemplar na capacidade de interferir na realidade psíquica presente na sugestão hipnótica (Freud, 1921/2011). O analista, portanto, não é detentor da palavra última sobre a realidade, sobre o sujeito, seu sintoma e desejo. Essa é a razão de o avanço de uma análise não depender de um Eu forte e melhor adaptado à realidade por parte do analista.

Essa é a contrapartida a ser paga pelo analista. Seu luto não diz respeito apenas a passagem da condição de sujeito para a de objeto, mas perceber que o saber que está em jogo na análise não o coloca como detentor de qualquer verdade sobre esse saber ou sobre a realidade. A díade saber e verdade é constantemente destituída de qualquer estabilidade semântica pela intromissão do real. O real enquanto impossível de ser assimilado pela estrutura do sujeito. No amor o que está em jogo é que:

> Do saber com que a transferência faz o sujeito, revela se, à medida que o sujeito trabalha, que se tratava apenas de um 'saber haver-se' (savoir y faire) com a verdade [..] com a verdade, não há relação amorosa possível, nem de casamento nem de união livre. Existe apenas uma que é segura, se o senhor quiser que ela lhe sirva: a castração [...] Porque a verdade situa-se por supor o que do real faz função no saber, o que se acrescenta a ele (ao real) (Lacan, 1973/2003b, p. 442-443).

Esse saber que se revela a partir do trabalho de análise revela que a presença de um sujeito revela-se como efeito e suposição. Suposição de que o analista seria o sujeito que guardaria o sentido desse saber ou sua verdade; e o analisante, enquanto efeito desse saber, mas não como o produto que condensa a verdade sobre o saber, pois o que a verdade nos revela é apenas o caminho da castração. O analisante, ao longo do trabalho, percebe que a sua posição de sujeito é na verdade o precário lugar de *saber haver-se* com o que essa verdade que é atravessada pelo saber e o real que a estruturam.

De tal forma que a interpretação psicanalítica sobre o discurso do analisante, sobre seus sintomas, conflitos e desejos que Lacan insistiu em retomar o seu caráter oracular não diz respeito à dialética entre revelação e ocultação de qualquer sentido oculto, mas sim ao analista fazer signo perante o ciframento do inconsciente (Lacan, 1973/2003a, p. 555). O signo articula justamente a possibilidade de algo fazer sinal de um sujeito, o signo sustenta-se pela intersecção de duas disjunções heterogêneas, a da linguagem e desse sujeito que a habita, é nessa intersecção que algo como um sujeito pode ser articulado, portanto, "dizer que há um sujeito, não é outra coisa senão dizer que há hipótese. A única prova que temos de que o sujeito se confunde com essa hipótese e de que é o indivíduo falante que a suporta, é a de que o significante se torna signo" (Lacan, 1972-3/2008, p. 153).

Amor e inconsciente

É no interior dessa relação de um saber que enseja a suposição de um sujeito que Lacan avança no Seminário XX em torno do amor. O amor, seguindo um paralelo com a elaboração transferencial, é baseado na relação entre dois saberes inconscientes. O amor, que é ameaçado por um lado pelo objeto *a* que fragmenta o corpo em objetos parciais que visam a satisfação do sujeito pulsional, o perverso polimorfo; e por outro pela inscrição inconsciente dos significantes, que revela seu caráter louco e enigmático (Lacan, 1972-3/2008, p. 155). Esse impasse duplo, que articula o real do amor, possibilita pensá-lo como uma relação de reconhecimento, em que os impasses não são dissolvidos, mas algo do saber que se apresenta como suposição de sujeito pode ser reconhecido por um outro sujeito. Um reconhecimento da alteridade radical que esse saber encarnado revela.

Dessa forma, o sujeito atravessado pela língua, pelo significante, definido como *o que representa um sujeito para um outro significante*, realizando a fórmula mínima de produção de sentido, S1-S2, revela o hiato presente entre esses dois significantes. O S1, significante-mestre, e o S2, saber, ou seja, o que há de calculável da inscrição significante enquanto tal em um determinado sujeito. O S1, produto analítico, ponto de ancoragem do sujeito na língua, unidade de cópula com o saber, revela-se como "algo que resta indeciso entre o fonema, a palavra, a frase, mesmo todo o pensamento. É o de que se trata no que chamo de significante-mestre" (Lacan, 1972-3/2008, p. 154).

O discurso analítico estrutura a articulação entre um saber encoberto e a produção de um significante-mestre. O atravessamento da língua, em sua dupla incidência, de um lado sobre o objeto fragmentado do desejo, e, por outro, sobre o sujeito revela "por que é que damos tanta ênfase à função do significante? Porque é o fundamento da dimensão do simbólico, o qual só o discurso analítico nos permite isolar enquanto tal" (Lacan, 1972-3/2008, p. 27). A capacidade do discurso analítico de isolar a função significante mostrou que o significante-mestre, unidade imputada ao sujeito, é irredutível ao saber que dele pode se depreender. O S1 foge a qualquer regime de identidade. O saber louco e enigmático, ao qual um sujeito é suposto, funciona como obstáculo e condição do estabelecimento do laço amoroso. Trata-se de um significante articulado como nome-próprio, busca por uma verdade, ou seja, *quem eu realmente sou* ou *quem é realmente esse que amo*, que encontra a castração como ponto de chegada, a não junção entre saber e verdade. Essa possibilidade de articulação do saber que é irredutível ao *a* que interpõe-se entre o S1 e o S2, um resto inassimilável pela língua.

O significante-mestre se estrutura como um suporte linguístico que não é capaz de totalizar os predicados que o constituem, não apenas da singularidade de cada sujeito perante os outros, mas pela própria diferença que o Outro, enquanto espaço de representação de si, o impõe. Não se reduzindo a um nome que possa

alcançar o cálculo disponível pela soma de seus predicados, mas sim em "o Um na medida em que, seja qual for a diferença existente, sejam quais forem todas as diferenças que existem e todas as quais se equivalem, existe apenas uma: é a diferença" (Lacan, 1972-3/2008, p. 159). A unidade de cópula com a língua, traço inicial, configura a possibilidade de pensar o suporte da cadeia significante em seu efeito, o sujeito, e em seu resto, o desejo. Assim, ao não reivindicar para si o lugar de consistência fornecido pelo semblante, o S1 revela a estrutura presente na ligação inaugural com o Outro do discurso, com a alteridade que habita e constitui o sujeito falante.

Portanto, a especificidade do discurso analítico torna possível compreender, a partir do primeiro tempo da transferência, o saber que está em jogo para o avanço da análise. Longe de reclamar para si qualquer consistência simbólica, que permite ao sujeito alienar-se às posições ideais, o analista ao sustentar o *atopos* do objeto *a*, permite o aparecimento da intrincada relação entre a verdade, o saber e o real – posição constitutiva do ser falante. O saber na transferência, se tem por efeito uma verdade do sujeito, só pode mostrar-se em um sujeito atravessado pelo real e pelo saber:

> Não é pelo fato de o sentido de sua interpretação ter surtido efeitos que os analistas estão com a verdade, pois, mesmo que ela seja precisa, seus efeitos são incalculáveis. Ela não atesta saber algum, visto que, tomando-o em sua definição clássica, o saber se verifica por uma possível previsão (Lacan, 1973/2003b, p. 555).

A diferença radical que supõe o Um da diferença afasta-o de qualquer previsibilidade calculada no registro do saber. Não há saber sobre a verdade. A tríade que se articula no sujeito falante entre saber, verdade e real é o ponto crucial da abordagem proposta por Lacan, a partir do meio dos anos sessenta, para consolidar sua crítica ao campo clássico do sentido. Não apenas o significante não é dotado de um significado, quanto o próprio processo de significação é perturbado por sua proximidade com o real. Possibilidade de significação dependente da equivocidade do significante e pelo gozo que acompanha sua inscrição em um sujeito.

Lacan articula como *ab-senso*, o registro que designa uma ausência de construção de sentido, que não equivale, entretanto, ao *nonsense* ou não sentido; trata-se antes da constituição de um impasse que ultrapassa a polaridade sentido/não sentido. Esse sentido, marcado pelo sexual, liga-se a partir de uma marcação de gozo particular de cada sujeito, em que se precipitam às nomeações de um sujeito com seus objetos de satisfação infantis, por isso que o sentido é sempre *senso-absexo* (Lacan, 1973/2003c, p. 451). Os ditos do sujeito, revelaram-se a partir do discurso analítico, não acontecerem sem seu dizer, isto é, sua condição, ao mesmo tempo particular e estrutural, de enunciação dos seus ditos. Não há complementaridade possível entre o registro do gozo articulado a entrada da língua e um sentido unívoco que avança para a totalização de um determinado regime de saber.

É nessa impossibilidade que se localiza a possibilidade de articulação de algo, tal qual a verdade do sintoma, a verdade do sujeito, se é que elas existem. Estamos, igualmente, no cerne do amor e das contribuições de Lacan sobre a transmissibilidade do saber. Para esclarecer, a partir do negativo, o que está em jogo nesse registro do sentido é possível recorrer ao avesso do discurso psicanalítico, o discurso do mestre, que fundamenta o, o discurso filosófico. Nessa forma de discurso, o elemento que ocupa a posição da verdade encoberta – esquerda inferior – é justamente a castração do mestre, $, ou seja, o mestre é igualmente atravessado por esse Outro da linguagem que o constitui, tal qual o outro que ele visa dominar.

Ao buscar encobrir a castração, o que acontece é a desarticulação da tríade que sustenta o ab-senso, operação que fundamenta a ascensão a via do sentido, possibilitando, a partir da tentativa de tamponamento do real a busca inadvertida pela verdade sobre o real, saber sobre o real ou saber sobre a verdade (Badiou, 1995/2018, p. 163). O filósofo ao adentrar o campo religioso do sentido, *religare* fundamental, opera fundamentado na desarticulação da tríade, em favor da díade, para finalmente alcançar o Um, ou seja, A Verdade, O Real e O Saber. O amor à verdade proposto pela filosofia é visto como o amor à castração, mas um amor que busca restituir o Um e erradicar a cisão constitutiva do suposto sujeito do conhecimento.

Por isso, Lacan formaliza o discurso analítico na tentativa de fugir ao regime dos semblantes. Um discurso que foge do campo do sentido e da consistência do Um. Recusa a restituição dos ideais, formulando um sujeito que habita uma linguagem capaz de representá-lo somente a partir dos múltiplos equívocos de um código inconsistente em si mesmo. Um código avesso, estrangeiro e indiferente a completude narcísica buscada pelo ser falante – uma linguagem que o castra. Essa particularidade atesta a necessidade de uma outra forma de lidar com o objeto do desejo, para além das identificações simbólico-imaginárias. Só assim restitui-se o sentido do objeto parcial fundante da sexualidade do perverso polimorfo articulado por Freud.

Portanto a crítica ao Um fusional, totalizante e narcísico, nas elaborações lacanianas é pivô tanto de suas contribuições sobre o amor quanto sobre a ciência; e tem por fundamento o fato inaugural da psicanálise de recolher os efeitos de o inconsciente apontar para uma cisão fundamental no sujeito. Por isso, Badiou aposta na necessidade da filosofia contemporânea estar à altura do pensamento de Lacan, de sua antifilosofia, que aponta para o inconsciente como uma categoria que foi negligenciada na construção do saber filosófico e que, assim, atesta a inconsistência desse próprio saber (Badiou, 1994-5/2018).

O matema

A crítica lacaniana ao sentido não aponta para uma desistência em relação à racionalidade, mas denuncia à tentativa de encobrimento da castração – ou seja, a particularidade desse sujeito que é habitado pela linguagem – que o discurso da

filosofia e do mestre pressupõem. O ab-senso busca uma alternativa estrutural para lidar com o real, enquanto barreira à apreensão discursiva, ponto de impossibilidade de articulação e inscrição. Dessa forma, o impossível característico do real demarca a passagem da impotência ligada a castração imaginária – ou seja, a possibilidade de que um sujeito possa vir a negar a castração, tal qual o pai da horda primeva freudiana –, para a impossibilidade lógica estrutural de um sujeito ascender a posição que nega a castração.

A impossibilidade permite articular-se a abordagem estrutural, já que ela se revela em seu entrecruzamento com os registros do imaginário e do simbólico. Essa outra tríade permite a localização do real na estrutura. Assim a formalização lógica e o real enquanto impossível não são articuladas meramente "para dizer que ele [o real] é incognoscível, mas sim que está fora de questão entender disso, apenas demonstrá-lo" (Lacan, 1970/2003a, p. 406).

Se o encadeamento de razões e a tentativa da língua, enquanto sistema doador de sentido, falha na possibilidade de formular a estrutura que subjaz a esse sujeito exilado na língua – o sujeito do saber e o sujeito do amor –, há a necessidade de procurar uma outra forma de demonstração. A matemática ao propor suas fórmulas a partir de variáveis e cálculos permite em sua escrita uma possibilidade de fugir da armadilha imaginária presente no sentido. O impossível e o impasse revelam o real sem readmíti-lo ao campo do sentido. Abrindo espaço para a recusa dos determinantes imaginários, em prol da "teoria da estrutura qualquer e a teoria da diferença pura, disjunta de toda propriedade qualitativa" (Milner, 1995/2023, p. 143).

É em torno do matema, portanto, que Lacan busca demonstrar o que foge ao campo do sentido e não sentido. O entendimento é substituído pela transmissibilidade. Abre-se a possibilidade de lidar com o Um, para além da unificação imaginária, e com o real para além de seu tamponamento. O matema isola a possibilidade de pensar os efeitos da escrita sem recorrer aos efeitos semânticos, dessa forma "qual é o suporte que podemos encontrar ao não lermos senão letras? É no jogo mesmo da escrita matemática que temos de encontrar o ponto de orientação para [...] tirar o que se pode tirar quanto à função da linguagem" (Lacan, 1972-3/2008, p. 54):

> O real só se poderia inscrever por um impasse da formalização. Aí é que eu acreditei poder desenhar seu modelo a partir da formalização matemática, no que ela é a elaboração mais avançada que nos tem sido dado a produzir da significância. Essa formalização matemática da significância se faz ao contrário do sentido, eu ia quase dizer a contra-senso (Lacan, 1972-3/2008, p. 99).

Na formalização matemática, o amor encontra uma abordagem que escapa aos efeitos unificantes do sentido e à negação da castração. O impossível do amor – seu real –, isto é, a impossibilidade de fazer Um a partir do encontro amoroso entre dois sujeitos falantes, apoia-se justamente no impasse revelado pela estrutura. Por isso, a

crítica lacaniana ao amor fusional não se limita a objeções de ordem imaginária ou a prescrições morais, mas encontra seu fundamento na distância entre a escrita e a fala. A letra, enquanto traço desprovido de sentido – mera marcação –, só adquire representação quando apropriada pelo significante no campo da linguagem comum. A escrita matemática, por sua vez, constitui-se como um discurso "onde o dito se renova constantemente, por mais tomar como sujeito um dizer do que qualquer realidade" (Lacan, 1973/2003c, p. 451).

Para ilustrar a pretensão de formalização de Lacan gostaria de trazer um recorte pertinente à nossa temática. A teoria dos conjuntos no *Seminário XVI* forneceram base para as discussões em torno da constituição do significante e da cadeia significante, sendo ali elaborados, por exemplo, a excepcionalidade do S1, bem como os impasses à lógica que envolvem sua constituição; além disso, Lacan busca esclarecer a segunda conta realizada em S2 para buscar totalizar a contagem inaugurada pela cadeia significante. Já nos *Seminários XIX e XX* a construção lógica do Um, a partir dos axiomas conjuntistas, revelam a tentativa de uma nova abordagem perante o Um. Nesse sentido, os matemáticos, a partir da "teoria dos conjuntos, [se puseram] a perceber que se podia abordar o Um de outra maneira, que não intuitiva, fusiva ou amorosa (Lacan, 1972-3/2008, p. 52).

O Um amoroso imaginário, em sua estrutura de Um-identidade, tem formalizado seus impasses nos avanços históricos da teoria dos conjuntos. O discurso matemático, enquanto um dizer que se desdobra sobre si mesmo, renunciando à necessidade de qualquer realidade, permite não apenas a localização dos impasses, mas revela que "[o] Um não pode fundamentar-se na mesmidade (*mêmeté*). Ao contrário, é marcado pela teoria dos conjuntos como devendo fundamentar-se na pura e simples diferença" (Lacan, 1971-2, 2011, p. 139).

Retomando o S1, enquanto produto analítico, o Um que se revela como pura diferença, encontramos a possibilidade de pensar o saber – logo o amor e o sujeito – em uma outra configuração. Afastando-se da totalização do Um, e do que Lacan chamou no curso da matemática de *extravagância do número*, a teoria dos conjuntos fornece um modelo alternativo:

> Se recorri este ano ao primeiro, ou seja, à teoria dos conjuntos, foi para nela situar a maravilhosa eflorescência que – por isolar na lógica o incompleto do inconsistente, o indemonstrável do refutável, ou até acrescentar-lhe o indecidível, por não conseguir excluir-se da demonstrabilidade – imprensa-nos tanto na parede do impossível (Lacan, 1973/2003c, p. 451-452).

A matemática, pela teoria dos conjuntos, demonstra, para sintetizar alguns pontos, a impossibilidade, ligada ao real do Um, ou seja, a estrutura mínima que revela os impasses do Um. Revela, adicionalmente, a incompletude e inconsistência do Outro ao tomá-lo como uma linguagem formal de puro cálculo – os teoremas de Gödel e os paradoxos do final do século XIX e XX, como o de Russell, Cantor

e Burali-Forti, fornecem a estrutura desse real que escapa à totalização (Da Costa; Béziau; Bueno, 1998, pp. 11-2).

A indemonstrabilidade da verdade em relação ao saber, sua não calculabilidade e antecipação, ligada ao surgimento inesperado de um significante-mestre é articulado à passagem do vazio ao Um que funda a possibilidade de construção do conjunto dos números naturais. Bem como o caráter de escolha radical que comporta o fim de análise, enquanto produção de um significante-mestre que comporta tanto as limitações do Outro quanto o impossível e o indemonstrável, constitui-se como um indecidível ao qual cabe o sujeito decidir sobre sua existência. Uma singularidade, articulada ao ab-senso, e que depende de uma decisão do sujeito. Um ponto de parada a proliferação incessante de significantes que na tentativa de totalização e encobrimento da falha, nada mais fazem do que repetirem a falha constitutiva do Outro.

Considerações finais

A transferência, em seu advento histórico, recolhido por Freud junto a Breuer marca o início do trajeto de um acontecimento que teve como consequências a constituição da clínica psicanalítica. Os avanços feitos por Lacan, a partir da trilha inaugurada por Freud, no campo transferencial constituiu-se como a via de acesso, por excelência, à intrincada relação entre o sujeito e a língua. A incidência do inconsciente sobre o uso da língua feito pelo sujeito permitiu à psicanálise lacaniana avançar não apenas na especificidade de uma prática clínica, mas alinhar suas contribuições à um horizonte discursivo científico.

O sentido, tal como revelado pela transferência analítica, manifesta-se como um ab-senso, uma ausência no campo clássico do sentido, apontando para um traço apagado que remete à presença do sexual, marca da entrada do sujeito na língua. É por meio dessa inscrição enigmática que o inconsciente opera como obstáculo, intromissão do real, a qualquer relação harmoniosa entre o sujeito e o sentido. A possibilidade de formalizar o que está para além do entendimento, mas que pode ser demonstrado.

Um suposto saber calculável, que pretenderia resultar num sujeito previsível, revela-se atravessado, por um lado, pela verdade, que constantemente fura esse cálculo, introduzindo o indecidível e escapando à lógica da previsão; e, por outro, pelo real, enquanto impossível de ser assimilado pelas regras do cálculo. Essa disjunção, e o furo que ela inscreve na linguagem, justificam o recurso aos matemas e às formalizações lacanianas, orientadas por um ideal de transmissibilidade: formalização do impasse estrutural, ponto de real. É isso que permite avançar sobre o real do amor

Nesse sentido, o amor, tomado como uma relação de reconhecimento entre dois inconscientes, revela um saber que se apresenta como furado – um saber não-

Um. O Um constitui o eixo dos impasses tanto do amor narcísico quanto de um saber que se pretende totalizante. Essa relação de reconhecimento não opera pela restituição do Um imaginário, mas pela possibilidade de escrita de um outro Um, forjado a partir de marcações enigmáticas e do exílio do outro com quem nos relacionamos no campo da linguagem. Trata-se da radical alteridade de um saber no qual apenas supomos um sujeito e uma unidade.

É também assim que o analista coloca-se perante o amor: reconhecendo no discurso do sujeito um discurso do Outro – um Outro cuja completude e consistência são necessariamente limitadas, e diante do qual o sujeito se apresenta apenas como suposição e efeito evanescente.

Referências bibliográficas

AGUIAR, F. (2016). Psicanálise e Psicoterapia: o Fator da Sugestão no "Tratamento Psíquico". In: *Psicologia*: ciência e profissão, 36(1), p. 116-129. https://doi.org/10.1590/1982-3703004102015

BADIOU, A. (2018 [1994-1995]) *Lacan: Anti-Philosophy 3*, Kenneth Reinhard and Susan Spitzer (trs.), Columbia University Press.

DA COSTA, N. C. A.; BÉZIAU, J. Y; BUENO, O. (1998) *Elementos de teoria paraconsistente de conjuntos*. Campinas, Unicamp (Col. CLE, v. 23).

DIDI-HUBERMAN, G. (2015). *Invenção da histeria*: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière. Rio de Janeiro: Contraponto.

FREUD, S. (2010 [1914]). "Introdução ao narcisismo". In: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1996a [1918]). "O tabu da virgindade (contribuição à psicologia do amor III)". In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, (Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (2011 [1921]). "Psicologia das massas e análise do Eu". In: *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1996b [1912]). "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições para psicologia do amor II)". In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, (Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (2016 [1905]). "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade". In: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1996c [1910]). "Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições para psicologia do amor I)". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, (Vol. 11)*. Rio de Janeiro: Imago.

LACAN, J. (1988 [1958]). "A direção do tratamento e os princípios de seu poder". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1988b [1958]). "A significação do falo". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1992 [1969-1970]). *O Seminário, livro 17*: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar.

_____. (1998 [1973]). *O seminário, livro 11*: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar.

_____. (2003a [1970]). "Radiofonia". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (2003b [1973]). "Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (2003c [1973]). "O aturdito". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (2003d [1980]). "Carta de dissolução". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (2008 [1972-1973]). *O seminário. Livro 20*: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar Editor.

_____. (2010]1960-1961]. *O seminário. Livro 8*: a transferência**.** Rio de Janeiro: Zahar Editor.

_____. (2011 [1971-1972]). *O seminário. Livro 19*: … ou pior**.** Rio de Janeiro: Zahar Editor.

MILNER, J.-C. (1996). *A obra clara*: Lacan a ciência, a filosofia**.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ROUDINESCO, E. (2023). *Histoire de la psychanalyse en France 1885-1939* (*v. 1***)**, Paris, Points.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.